ANO II — Lisboa—Quarta-feira, 27 de Fevereiro de 1918 — N.º 307

Poca:feiːe poca:greı

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

UMA AFRONTA REPUBLICANA

Resolveu o Governo levar no sábado próximo as ossadas do Condestabre para Belem. Fá-lo sem respeito pela memoria do Heroi e do Santo que é a figura máxima da nossa Historia. Trata-se duma mascarada sacrilega, a que é preciso opôr-nos com todo o calor da alma portuguêsa. E' uma indignidade e uma profanação. Será possivel que se prostituísse tanto o decoro da Patria para que se sancione e tolere o cortejo burlesco em que se pretende trasladar de corrida, em armão de artilharia, os despojos mortais de Nun'Alvares? Não tem vibração para mais a republica, filha da Maçonaria e sua tutelada ignobil. Representantes do nosso passado catolico e monarquico, não consentiremos que esse acto inqualificavel se realize sem que o nosso protesto amarre para sempre á lembrança dele o nome do Governo que o autorizou. Porque direito, e a titulo de deposito transitorio, se arrancam as cinzas do Condestabre ao seu jazigo de familia?

Beatificado e com culto reconhecido, que fazem na Comissão os srs. drs. Pereira dos Reis e Manuel Ferreira Cardoso, que assim permitem, sem que a sua voz se erga, que numa entrudada laica desfilem por Lisboa indiferente as reliquias venerandas do cavaleiro ardoroso que pela cruz e pela espada Roma colocou nos altares? A tanto chegaria em Portugal a perversão do sentimento da Patria? Nãoacreditamos nem toleramos que um exibicionismo ridiculo e degradante enxovalhe a memoria d'Aquele que é bem o patrono da Nacionalidade. Estamos em frente duma verdadeira afronta nacional. Se ha ainda brio na nossa pobre terra e se nela se não perdeu para sempre a pratica nobre da honra, que o Governo suspenda a sua resolução e evite ainda a tempo um vexame, que nada depois poderá reparar.

Nunalvares macabro

Sobre um armão de artilharia—o que é, em estilo militar, cousa comum nos enterros de membros da classe,—os ossos de Nunalvares irão ser passeados por varios locais de Lisboa, e seguirão depois pelo Aterro fóra, seguidos de uma fila de trens de aluguer.

Foi isto que ficamos sabendo após a leitura que, estupefactos, fizemos da nota oficiosa da comissão da trasladação, depois de havermos sabido, por outra nota oficiosa—que haveria feriado nas repartições publicas.

Estupefactos dizemos,—para não usar doutro termo que logre traduzir com mais eloquencia o misto de espanto e de indignação que esse absurdo documento nos produziu, ao patentear-nos a pobreza de recursos, a ausencia de vibração e de poesia, a rica imaginação burocratica, a total ausencia do sentimento do estilo que aí se traduzem, e segundo o qual a comissão demonstra esta ignorancia lamentavel, e quão lamentavel no caso presente:—ela não sabe que o meio *unico* de prestar culto aos Heroes, é prestar-lhio com Beleza.

Perante este documento, e sem saber nem querer saber—porque nada me interessa o pormenor—a quem cabe a responsabilidade do plano que nele se gisa, nós preguntamos a nós mesmos, numa hora de infinita tristeza, se se perdeu definitivamente em Portugal aquele tam nobre sentido humano que inspira e ordena as composições, as quais abrangem um tam vasto numero de casos, que estes vão desde o simples arranjo dum interior em que se passa uma grande parte da nossa vida, até ao arranjo duma cerimonia nacional, em que a honra da Patria está empenhada, e não pode, sob pena de ser sacrilega, tornar-se grotesca. Que importa que os sentimentos sejam nobres e as intenções altas e puras, se para as exteriorizar em culto patrio se urdirem aspectos pelos quais tudo isso será ridiculamdnte atraiçoado e ha de parecer miseravelmente pelintra?

Perante este documento fecham-se os punhos de raiva e pergunta-se se estas coisas são naturais numa cidade que foi a inclyta Ulyssêa, o emporio deslumbrante da Renascença, a Lisboa de conto de fadas, portentoso bazar do Oriente, porto do trafico do universo,—a cidade del rei rajah D. Manuel, em que as festas da Corte e as festas do Povo, os serões, os Autos, as procissões, as cavalgadas, os torneios, as festividades dos Santos populares, eram outras tantas composições de esplendoroso e ordenado gosto, cujo encanto de pompa ou de graça nos é dado entrever através dos cronistas, e através, por exemplo, dos versos da Miscelanea de Garcia de Resende.

Perante este documento, a gente interroga-se com horror sobre se estará com efeito condenada a ficar perpetuamente mediocre e pelintra, dum pelintrismo tam atrevido e cheio de si, que ontem não receou declamar arengas politicas do alto duma tribuna de lona pintada, tendo por fundo as pedras lavradas de Santa Maria da Batalha, e não receará amanhã acompanhar Nunalvares a Santa Maria de Belem, dentro dum trem de praça, com o numero pendurado, e de luvas pretas. Perante este documento, escrito numa prosa na verdade adequada ao espirito do que se nele contém, e a que a comissão pôs o conveniente titulo de *Convite*, a fim de que nem isso faltasse ao estilo de cangalheiro, á estetica de agencia funebre em que a comissão pretende envolver a deslumbrante figura do nosso Arcanjo, o vulto resplandecente do Cavaleiro do Gral,—perante este documento, nós fazemos esforços para não perder a calma que devemos impor aos nervos, e, horror!,—tratando-se duma cousa que toca directamente no coração da Patria fazemos, tambem, esforços para não rir—e para não chorar de furor, de tedio, e de saudades dum Portugal sonhado sempre e nunca atingido!

*

Oh! não! a trasladação não poderá realizar-se nestas condições absurdas,—e não se realizará!

O sr. Presidente da Republica não o deverá consentir,—e não o consentirá! Daqui endereçamos ao seu espirito de patriotismo, á sua noção das responsabilidades da hora presente, ao seu espirito cultivado, este apelo sincero. Se o sr. Sidonio Pais aspira ao glorioso contentamento do sentir bater emfim, numa palpitação de unidade, o alanceado coração dos Portugueses, não poderá então tornar-se conivente numa acção que os desunirá e os ha de mover a que se apartem com tédio uns dos outros, o que tudo ha de suceder se se executar este malfadado programa de enterro vagabundo com *coupés* de praça, porque,—lá o diz com confortavel previdencia a comissão no seu convite:—*as deputações deverão encorporar-se no cortejo em carruagem, atendendo á extensão do trajecto*. Não! A trasladação não será executada por este modo sacrilego, e á comissão apenas ficará bem confessar que não soube inventar o plano condigno, a traça requerida pelo altissimo ensejo,—sem que esta confissão complique com o ponto de honra dos seus membros, os quais, não sendo homens de arte, não tem obrigação de saber compor belas cerimonias, de urdir cousas belas, de criar belos sonhos *realizaveis*, sem que por este facto venha a ser possivel que fiquemos nós outros e a Nação sujeitos a suportar as cousas grotescas com que eles nos ameacem, os pesadelos que eles imaginem, como este que o convite oficioso patenteia da maneira mais desconcertadora e mais triste.

Sabei, pois, senhores da comissão, que sobre as vossas consciencias está em risco de cair um dos mais tremendos remorsos; e, em vista do documento que acabais de produzir, sabei tambem que Nunalvares é mais nosso do que vosso, e é mais nosso simplesmente porque nós o amamos com mais beleza,—portanto com melhor amor! E é por isso que vos repetimos que não basta adorar o Heroe, mas adora-lo bem, quero dizer—com beleza no culto que lhe professamos.

Oh! não! O nosso Santo Padroeiro, o Cavaleiro do Gral, honra e flor da Gentileza Heroica, não irá pelo Aterro fóra, seguido por uma fila de trens de praça! Não irá porque o sr Presidente da Republica o saberá impedir, fazendo um gesto de nobre isenção; não irá porque a gente moça de Portugal o não quer; não irá porque se não ousará, chegada a hora, fazer o que se projecta; não irá porque seria horrivel que fosse!

Se não quiserem, por espirito de teimosia vaidosa (e irritada de se sentir colhida em flagrante) levar as santas reliquias pelo Tejo, a bordo duma gondola dourada, e recebe-las em Belem com uma prece guerreira entoada pelo clangor de duzentas trombetas,—conforme nós propuzemos neste logar,—deixem-nas então ficar na sombra e na paz da cripta onde jaziam honradas—e não se cometam sacrilegios.

Mas se persistirem em efectuar essa parodia horrenda, passeando um Nunalvares macabro, aos trambulhões pela rua Nova da Trindade e com gatos pingados pelo Aterro, então o instinto de Lisboa aconselhar-lhe-ha por certo a unica atitude digna a tomar perante este malaventurado episodio:—ficar em casa. E todos os homens conscientes de Portugal, ao sentirem-se feridos no mais intimo dos seus corações, saberão depois pedir contas a quem ousou tornar grotesco o que devia ser admiravel, e risivel o que devia ser sagrado!

Afonso Lopes Vieira.

Integralismo Lusitano

Reuniu ontem extraordinariamente a *Junta Central do Integralismo Lusitano*, tomando conhecimento da maneira indecorosa e degradante por que vão ser trasladados os restos mortaes do santo Condestabre. Depois de varios alvitres, resolveu apelar para todos os portuguêses, sem côr de partido, afim de se evitar essem côr de partido, afim de se evitar esse vexame, em que a incompetencia se se vexame, em que a incompetencia se aflon á inconveniencia, sem respeito nenhum pela dignidade da nossa historia. Nestes termos, vai redigir e fazer espalhar um manifesto.

Não póde ser!

Pois quê? Será possivel?

Não acreditamos que a Juventude Catolica subscreva o convite hoje publicado na imprensa em seu nome. Ninguem que possua sentimentos christãos e patrioticos se ha de prestar á mascarada ignobil em que por essas ruas de Lisboa irão destilar as ossadas do Condestabre. Deixem essa gloria ao senhor Afonso de Dornelas que na redacção do programa da trasladação mostrou a sua alta proficiencia para empregado de agencia funeraria.

A *Juventude Catolica* é que não pode participar dum cortejo grotesco, que, nada tendo de consagração, tendo tudo de vexame e de caricatura.

Nun'Alvares e os estudantes

A convite dum grupo de estudantes da Faculdade de Direito, vai reunir hoje á noite a Federação Academica de Lisboa, a fim de se ocupar da trasladação de Nun'Alvares. Os alunos da Faculdade de Direito manifestaram já ao sr. ministro da instrução o seu desacordo com o programa oficial. Daremos com o maior prazer a noticia do que na reunião de hoje se passar, esperançados na nobre acção da mocidade generosa e crente.

O aborto da separação e os republicanos

Estranham *A Capital* e *A Manhã* que os monarquicos, não estejam satisfeitos com o remendo do sr. Moura Pinto á famosa **Lei da Separação** aque orgulhosamente, o sr. Afonso Costa apelidou de **Intangivel...**

Para *A Capital*, de indecisa politica, como para *A Manhã*, de politica jacobina, a *Lei da separação* e o seu remendo, são coisas misifamente generosas, extraordinariamente belas, que os monarquicos devem agradecer de alma ajoelhada.

E vê *A Capital* nos artigos de combate que os monarquicos têm escrito contra esse abôrto, da *Separação* que não passa de um escarro venenoso e cinico contra a consciencia nacional que é a consciencia catolica e a consciencia monarquica, *A Capital* vê nesses artigos um jogo politico, um jogo fratricida de destruição entre portugueses.

E o lirico jacobino, o amante da Liberdade e da Igualdade, o sr. Mayer Garção, pergunta, com uma pintura de ingenuidade:—*que mais quererão os monarquicos?*

Então para *A Capital* e para o sr. Garção Mayer os monarquicos, os catolicos e todos aqueles que consideram e respeitam o religião cristã, como religião nacional, sob o patrocinio da qual, a Patria Portuguesa se formou, a Patria Portuguesa avançou para além das fronteiras e do mar, não são portugueses, e como portugueses não podem, não teem o direito de pedirem as regalias as que lhes competem?

Em vão *A Capital* e o sr. Mayer hão de lançar, á moda de profetas de magica, as suas maldições contra a legião enorme e inabalavel dos monarquicos; em vão os jacobinos liricos e não liricos, os que preferem a agua-raz e os que simpatisam com as rimas de efeito, hão de circuiar por entre a multidão anonima, e como lagos rancorosos, deixar por onde passam, pelos jornais onde escrevem, pelas consciencias que envenenam e sonambolisam, suspeitas e insinuações.

Em vão, Não é possivel sufacar uma consciencia que desde oito longos seculos se robustece, como não é possivel estrangular com uma lei de *separação* ridicula, a crença de um povo que n'ela nasceu e que ainda é para ela que caminha em busca de refugio quando tudo em volta é incerteza sombrio.

Não estão satisfeitos os monarquicos e os catolicos com os republicanos? E' certo. O contrario disso seria para admirar.

Que devem os monarquicos e os catolicos aos republicanos, ao regimen republicano?

A Capital e o sr. Mayer bem o sabem, *A Capital* e o sr. Mayer não precisam que lhe iudiquemos os *favores* que os catolicos e os monarquicos lhes devem.

Assassinam-lhes um rei cobardemente, e quereria o sr. Mayer Garção que os monarquicos agradecessem aos republicanos esse crime?

Injuriam-se os catolicos, perseguem-se todos os que teem uma crença imbalavel em Deus e atiram-se-lhes para os comicios com um ignorante de velho chapeu alto, como os espantalhos, que em gestos largos nega a existencia de Deus, que em frases onde a estulticia se alegre e estende, vomita todas as blasfemias, todos os insultos sobre a religião, sem a qual, Portugal hoje não existiria na Europa, nem nos nossos dominios coloniaes. A *Capital*, como o sr. Mayer, queria que os catolicos agradecessem aos republicanos os discursos de Augusto José Vieira e o aborto da Lei da Separação e o seu remendo?

Não são os catolicos que não agradecendo uma lei de garrote, uma lei de perseguição, fazem um jogo politico. Jogo politico, e bem claro, jogo cujas intenções bem conhecemos, fazem-no a *Capital* e a *Manhã*, o primeiro de politica indecisa, o segundo de politica democratica, com mascara de seda...

As chuvas em Portugal

Do nosso querido amigo e ilustre correligionario senhor engenheiro Eduardo de Bethencourt Ferreira recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

... Senhor Dr. Antonio Sardinha
e meu presado amigo:

Li no numero de hoje de *A Monarquia* um interessantissimo artigo do Ex.mo Senhor D. Luiz de Castro intitutado *As chuvas em Portugal*, e, como nele se conteem referencias elogiosas ao meu trabalho *A questão agraria*, publicado em 9 do corrente, apezar de não ter a honra de conhecer pessoalmente S. Ex.a, não quero deixar de lhe endereçar o meu vivo agradecimento pelas suas bondosas palavras, que, vindas de tão ilustre homem de Sciencia, profundamente me sensibilisam e penhoram.

Um ponto, porém, ha no artigo do Senhor D. Luiz de Castro sobre que eu julgo necessario prestar um esclarecimento.

Certamente por deficiencias da minha exposição, parece-me que o Senhor D. Luiz de Castro inferiu de certas palavras por mim empregadas que eu desconhecia, ou talvez menosprezava, alguns notaveis trabalhos de engenheiros agronomos portugueses sobre o nosso regime pluviometrico e a sua influencia na agricultura.

Ora, nem uma cousa nem outra se dá. Conheço quasi todos os trabalhos citados sobre o assunto pelo senhor D. Luiz de Castro, tendo até consultado recentemente alguns—e aos seus auctores presto a minha homenagem. Unicamente os não citei, no meu artigo, por dois motivos: 1.º—porque alongava assim consideravelmente a parte constructiva do trabalho. Roubando-lhe um pouco de nitidez da sua estrutura geral, que eu desejava manter bem; 2.º—porque, no ponto de vista em que me coloquei, e para dar uma base segura e indiscutivel ás minhas afirmações, me *bastavam* socorrer das observações diretamente realizadas pela nossa estação oficial, a quem está incumbido o estudo da meteorologia portugueza, e a cujas publicações eu não podia deixar de dar a preferencia.

Dada esta simples explicação, resta-me, com a renovação dos meus agradecimentos, significar ao senhor D. Luiz de Castro, que, como profissional que sou da tecnica hidraulica, (em que, apezar de novo, ha já longos anos trabalho), empenho desde ha muito todo o meu esforço pela defeza da nossa agricultura, só lamentando que ele seja desvalioso em demasia para vir a produzir em algum tempo obra de alcance para o meu Paiz.

Agradecendo a publicação destas linhas, creia-me meu presado amigo, com afectuosa estima

Seu mt.º admirador
e amigo gratissimo

Lisboa, 26-II-918.

Eduardo de Bethencourt Ferreira

Integralismo Lusitano

Realizando-se no proximo dia 9 de março o jantar comemorativo do primeiro aniversario da «Monarquia», prevenimos os nossos amigos de que a inscrição se acha aberta todos os dias no escritorio do Hotel Central, em Lisboa, devendo enviar a sua adesão aqueles que não puderem assistir

Carta aos trabalhadores

Trabalhadores da minha Patria! E' um moço, humilde como vós, que vos fala. E' um sincero que, por bem vos conhecer, se atreve a vir-vos ensinar o caminho da boa doutrina, onde está o interesse da comunidade de que vós sois parte integrante.

Eu conheço as vossas miserias, sinto os vossos tormentos, compreendo os vossos sentimentos! Aqueles que me conhecem bem sabem que não lhes aperto a mão para que votem comigo, nem vou ao seu convivio para especulações indignas e baixas.

O carneiro com batatas não é meu conhecido, nem jámais vos prometi arranjar estradas, para vos comprar a Consciencia e a Vontade. Eu não vos respeito e admiro como cidadãos eleitores, mas sim como celulas componentes dum grande corpo: a nação.

Enlevados por um falso doutrinarismo, que nas suas miragens estonteantes continha venenos mortaes, vós abandonastes o vosso papel. Deixastes a oficina e o sindicato da classe, para irdes ouvir o falso palavrorio dos politicos sem escrupulos.

Falaram-vos em Liberdade—e vós, inconscientemente, ajudaveis a ascensão da Tirania!...

Falaram-vos em Egualdade—e vós derrubastes um Estado regular, onde se trabalhava, mas se comia, para creardes um regimen de burguezes e de «novos ricos» que vos exploram, na sua ancia de dinheiro e de luxo...

Falaram-vos em Fraternidade—e ensinavam-vos a fabricar bombas...

Vós, almas puras e inconscientes, caistes no logro. Quando alguem vos advertia da Verdade, da cega ambição que norteava esses tentadores sem escrupulos de que vós fostes os instrumentos, vocês indignavam-se e seriam capazes de matar o intruso que ousasse suspeitar dos vossos idolos...

Vós olhaveis aos homens e não ás ideias. Com um altruismo que seria para louvar quando bem empregado, punheis primeiro a barriga dos outros e deixaveis para o canto as vossas conveniencias de trabalhadores honrados.

Foi á custa desse logro que se fez a Republica—o regimen de sangue e de vergonhas que sobre a nossa Patria caiu como um flagelo...

Que interesse podieis vos ter na Democracia? Diziam-vos: o Rei é um tirano! Não se compreende que um país seja governado por um homem que é tanto como nós!... E' sempre o mesmo laivo de Egoismo que é a maior caracteristica da Democracia. Sim, como se comprecendia que um homem honrado e inteligente governasse só, se eles queriam comer da politica e não podiam, queriam satisfazer as suas ambições e coarctavam-lhes os seus sonhos ambiciosos?...

Eles eram mais exigentes que o proprio sapateiro de Braga: este ainda punha uma apelação—a de haver moralidade. Estes só queriam que «comessem todos»—todos aqueles que prégavam a doutrina, é claro...

Foi assim que eles vos iludiram! Foi assim que eles vos levaram para a chacina sangrenta onde, entre a lama dos ambiciosos sem escrupulos, se subverteu a honra a Vida, o credito dum regimen que á Nação fôra imposto, mas que ela repelia...

*

Logo que se apanharam servidos, deram provas da sua ingratidão: um ano depois da revolução que os trabalhadores tornaram possivel, foi assaltada a Casa Sindical, entre os lamentos das mulheres e os protestos dos operarios reunidos ordeiramente...

Era a primeira demonstração pratica da Democracia...

Baseada no homem isolado, no cidadão-eleitor que só serve para fazer voto, a Democracia tinha necessariamente que odiar a colectividade e procurar dissolve-la. Para isso, dirigiu-se imediatamente á familia, com a Lei celerada do Divorcio e o direito de legar a extranhos.

Faltava-lhe destruir as corporações que a Lei consentia. Não chegava a Lei... mas tinham a cavalaria!...

O odio da Democracia a tudo quanto é organisação e força constituida manifestava-se sempre.

Furtara-se o povo ao Governo de Direito, para o subjugar á Tirania da Força!...

Vós já não vos indignaveis contra os depreciadores dos miseraveis que vos haviam burlado! Era a Verdade flagrante! Era a Verdade irrespondivel!...

*

Mas, é preciso que os trabalhadores não se deixem prender da desilusão e da neurastenia—permitam-me o termo.

Os trabalhadores são uma grande força com que todos os que amam o seu país e o querem vêr grande teem que contar. E' por isso que nós, integralistas, propondo-nos modificar um estado de cousas que é um crime contra a Vida da Patria, não podiamos de fórma alguma esquecer os trabalhadores, os grandes obreiros da grandeza nacional, a grande força com que a Nação pode contar nas horas da Desgraça.

E' o Integralismo a unica idéia que põe bem a coberto os interesses dos trabalhadores. E mais para realçar é o facto, sabendo-se que o seu programa, conjuncto de realidades fortes, foi todo delineado por grandes espiritos, pela «élite» do pensamento português, que tanto honra a nossa Patria e o espirito dos Latinos. Mas, é precisamente por isso que o problema foi encarado a frio e resolvido com proficiencia.

O Integralismo, baseando-se sobre as classes contra os partidos, interpretou o mais sabiamente possivel os interesses dos trabalhadores e do Povo Português.

E' um dever de gratidão defender aqueles que se lembram de nós com boas intenções. E as do Integralismo nunca se podem pôr em duvida, porque não se apresenta como um partido d'homens competentes para realisar o programa. O Integralismo é apenas uma Idéa, um meio d'acção, a fórma de se atacar o problema da governação. A todos os espiritos inteligentes que tiverem nas suas mãos as redeas do governo, compete o realisa-lo na integra. E' para aí que os nossos esforços terão, necessariamente, de convergir.

A Republica nunca pode satisfazer a aspiração das classes organisadas, porque, não tendo uma força que as coordene e as harmonise, produz necessariamente os choques continuos e sangrentos que temos visto. E' essa força coordenadora e dirigente que se encontra no Rei, o grande chefe da familia portuguesa, que o Integralismo defende e necessita.

E' pois, o Integralismo a Idéia dos Trabalhadores! E' nela que todos aqueles que, libertos de cantatas perigosas e romanticas, só olham ao futuro da Patria que será dos nossos filhos, terão de juntar os seus esforços benditos, para a cruzada suprema da Redempção da Patria...

*

E' curioso que seja dentre as classes elevadas, pelo nascimento ou pela inteligencia, que vós, inconscientemente, aprendestes a odiar, que saia a primeira lembrança para os trabalhadores.

E' que eles, ao inscreverem os vossos interesses como componentes valiosos da Patria Portuguesa, nas suas aspirações, não viram em vós instrumentos eleiçoeiros ou degraus para subirem...

Isso é bom para os demagogos! Isso é bom para os politicos de oficio! Isso é bom para os apostolos da Democracia...

Eles não pretendem os vossos votos. Pretendem apenas que vós sejaes o que deveis ser. Cada orgão tem a sua função propria, indispensavel para o bom desenvolvimento da colectividade. E' da suas funções que nós queremos ver restituidos os trabalhadores, que, isoladamente, num meio extranho que é para eles o vacuo e a Morte para a comunidade, estão condenados a não ser mais do que simples capachos de politicos sem escrupulos...

No dia em que vós vos convencerdes da Verdade Integralista, o sol da Vida brilhará novamente para a Patria Portuguesa, imersa na sombra pelos vicios da Democracia que vós tornastes possivel!

João Camillo Felix Correia.

A boceta de Pandora

A agencia Havas fez-nos saber que Abdul-Hamid, destronado em 1909 pela revolução jovem-turca. Desaparecem assim do mundo a principal testemunha desse longo processo—crime que a Historia terá de compulsar para determinar as causas e as responsabilidades da atual guerra europeia. Desaparecem mesmo o principal *portanceiro* dessa longa sessão diplomatica que uma vez abriu com o Congresso de Berlim, se arrastou durante perto de quarenta anos para afinal se resolver miseravelmente, lugubremente, nesta *guerre de boutique* que, se não houvesse de produzir altissimas revelações de ordem espiritual, teria roubado á Vida, duma vez para sempre, a sua beleza e a sua utilidade terrestre.

Na longa elaboração da guerra europeia, o papel desempenhado por Abdul-Hamid foi principal, a sua responsabilidade foi decerto minima. Fez-se, em torno dele, aquilo a que as convenções chamam o equilibrio europeu. Mas não pela força do seu prestigio ou da sua vontade: simplesmente como, em volta dum c